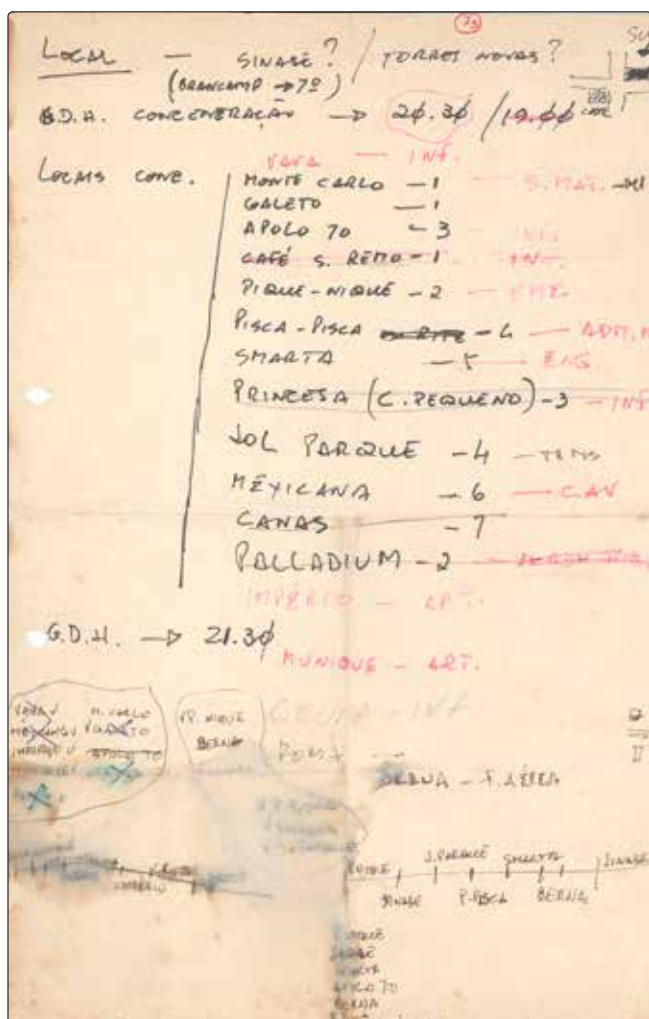


25 de Abril 1974

Assinalando
o 47º Aniversário da
Revolução de Abril

Documento preparatório
para a reunião de
5 março de 1974.
Manuscrito. Associação
25 de Abril – A25A



Reuniões que antecederam a Revolução

Os acontecimentos que eclodiram em Moçambique entre os dias 14 e 18 de janeiro de 1974 são determinantes no evoluir do Movimento das Forças Armadas rumo ao “25 de Abril”. Na sequência de um assalto a uma fazenda de uma família de brancos, em Vila Pery, ao norte (em que a mulher e o filho foram mortos), desencadearam-se inúmeras manifestações de populares contra os militares, extensíveis a outras localidades e tiveram como apogeu a grande manifestação na cidade da Beira, entre as noites de 17, 18 e 19. Os militares em Moçambique sentiram com profundo desagrado as acusações por parte dos colonos brancos, culpabilizando-os por não estarem a ser protegidos; por não lhes terem sido dadas condições de segurança e pela constatação da guerra não vencida. Esses factos vieram a ser estrategicamente aproveitados tanto mais que, desde algum tempo, partilhavam a convicção que o problema da guerra não era militar, mas político. Recusaram, liminarmente, assumir o papel expiatório e iniciaram movimentações internas, incluindo a realização de reuniões preparatórias para a prossecução da queda do regime.

Até à Revolução, que esteve prevista para dia 24 - que deveria acontecer entre 20 e 29 de abril, numa terça, quarta ou quinta-feira, dias de maior disponibilidade dos militares, e vindo a ser determinante o dia em que os locutores coniventes da rádio estivessem também disponíveis - sucederam-se, paulatinamente, reuniões na Metrópole com secretismo e maior ou menor segurança, nas quais os documentos com os conteúdos programáticos para discussão, nomeadamente, sobre a constituição do documento base do programa do Movimento das Forças Armadas, eram distribuídos pelos participantes, recolhidos e destruídos



Edifício Braamcamp ou Franjinhas

Data: 1977. Autor: Photographia Vasques.

Código de Referência: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/VAQ/000178. AML, Arquivo Fotográfico

Na reunião realizada em 5 de fevereiro, promovida pela Comissão Coordenadora, discutiu-se o primeiro projeto do documento base, de essência política na qual compareceram alguns oficiais (a Comissão havia decidido integrar tenentes-coronéis e coronéis) que viriam a ser relevantes no futuro.

O documento causou celeuma entre os elementos do movimento, em virtude da valência unicamente de natureza militar e nessa sequência, ficou desde logo decidido a elaboração premente de outro, mais arrojado e incisivo capaz de despoletar a rutura com o regime do Estado Novo. Contudo, três pontos de vista emergiram desse debate: o documento deveria ser apenas militar; deveria ser essencialmente de natureza política e o último, deveria fazer a simbiose dos dois. Excluído o de essência militar foi elaborada a síntese entre os outros dois e ficou convocada outra reunião mais alargada, para dia 25 do mesmo mês, em casa de Otelo Saraiva de Carvalho, em Oeiras, no bairro Augusto de Castro (próximo dos domicílios de Vítor Alves e Hugo dos Santos, onde também decorreram várias reuniões), na qual se deu continuidade à reflexão dos três projetos para a criação de novo documento - "O Movimento, as Forças Armadas e a Nação" - apesar de ter ficado definido que apenas interessariam "o político e o contemporizador", isto é, o segundo e o terceiro projeto.

Entre outros assuntos, discutiu-se quais as reações a tomar face a represálias e a realização de outra reunião, crucial, que ficou agendada para 5 de março em Cascais.

Indubitavelmente, os militares detinham elementos concretos sobre escutas telefónicas por parte da PIDE; tinham noção que estavam a ser observados e que se preparava para prender a maior parte dos elementos principais. Suscitando a destabilização, lançaram o boato com enfoque para o dia 2 de maio em que iriam efetuar uma grande manifestação, tendo por objetivo que as "autoridades" fossem absolutamente surpreendidas com a Revolução na rua, no dia 25 de Abril.

Decorridas as reuniões preparatórias (de 28 de fevereiro e 4 de março), aproximava-se o dia da grande reunião de Cascais, que consistiria num pequeno plenário constituído por delegados de todas as unidades que representavam todos os elementos do Movimento do Continente (Força, Aérea, Marinha ...), onde seria apresentado o documento base que conduziria à Revolução.

25 de Abril 1974

De facto, foi a reunião que exigiu inigualáveis medidas de segurança e provavelmente, a de maior criatividade para as “trocar as voltas” à PIDE. Os jovens capitães, a maioria na “casa dos 20 anos”, segundo testemunho oral de Vasco Lourenço - sendo este dos mais velhos, com 31 e “os majores, Otelo e Vítor Alves na casa dos 30” - empreenderam um subterfúgio de diversão com o intuito de a ludibriar: convocaram para as 20.30 h uma concentração em Lisboa, de delegados de todas as unidades do país em representação de todos os elementos do Movimento, tendo como ponto de encontro diversos cafés da Cidade referidos no documento inédito que publicamos - e que ficou preservado para a historiografia.

A “Sinase”, situada no sétimo andar do edifício “Franjinhas”, na Rua Braamcamp, foi o local escolhido para a lograda reunião por se tratar, à época, do único local na Capital (que tivessem conhecimento) que alugava salas para o efeito. Um encontro para antigos alunos do Liceu Gil Vicente com vista à proposta de um eventual passeio a Angola e Moçambique foi o pretexto de Otelo Saraiva de Carvalho para proceder à reserva do espaço.

Cinema Apolo 70, Rua Júlio Dinis.
1977. Fotografia Casa Vasques. Código de Referência: PT/AMLSB/
CMLSBAH/PCSP/004/VAQ/00006. AML. Arquivo Fotográfico



De seguida, e na senda do logro, marcaram encontros em dez cafés de Lisboa, alguns substituídos por outros à última hora (riscados e rasurados no documento), situados entre as zonas da “Baixa” (Rossio, Restauradores, Marquês de Pombal, Rua Braamcamp, até à Artilharia 1), e das Avenidas Novas (Praça de Londres, Avenidas Estados Unidos da América, República e Areeiro), locais para onde tinha sido enviado um delegado que tinha conhecimento qual o local da reunião e também, quais os delegados das unidades que se iriam encontrar em cada um dos cafés.

No desencadear do processo, Vasco Lourenço menciona na obra “Do interior da Revolução: entrevista de Maria Manuela Cruzeiro”, que após a transmissão para as unidades da senha do local de encontro, “a unidade tal vai encontrar-se no café tal”, deliberou-se que o “Serviço de Material” iria para o café “Monte Carlo”; o Estado-Maior, para o “Pic-Nic” e a Administração Militar para o “Pisca-Pisca”; a Força Aérea para o “Berna”, a Infantaria para o “Vavá” e três unidades também de Infantaria, para o “Apolo 70”; a Engenharia iria para a “Smarta” e a Cavalaria para a “Mexicana”.

Pastelaria Mexicana, Praça de Londres.
[post. 1962]; Fotografia Casa Vasques.
A79984N76482VAQ000379. AML, Arquivo Fotográfico



25 de Abril 1974

Analisando o manuscrito, verifica-se que para todos os estabelecimentos tinham sido atribuídos diversos militares e, provavelmente, por questões logísticas, alguns cafés foram preteridos por outros, sendo caso disso, o Cannas, em Campo de Ourique, por outro lado, o mesmo sucedeu com o “Princesa”, no Campo Pequeno (na mesma zona do Apolo 70) e o “Palladium”, na Avenida da Liberdade, apesar de inseridos nas zonas determinadas.

Contudo, a reunião estava efetivamente marcada para Cascais, num atelier de arquitetura, por intervenção de Sanches Osório, que havia conseguido o espaço através de Braula Reis, capelão da Academia Militar e irmão do arquiteto. Por conseguinte, somente a Direção (Otelo Saraiva de Carvalho, Vasco Lourenço, Vítor Alves) e Sanches Osório tinham conhecimento desse facto. Uma hora antes da reunião, os locais de concentração foram divididos entre Otelo (que ficou com os cafés da zona do “Sinase”) e Vasco Lourenço (que ficou com os outros), deslocando-se ambos para as respetivas zonas atribuídas e levando num “papelinho” a direção do atelier. Otelo ficou com a zona de menor número de cafés para poder acorrer à “Sinase” antes da chegada dos elementos convocados.

Duzentos oficiais estiveram presentes na memorável reunião de Cascais, ultrapassados os diversos constrangimentos que a antecederam, nomeadamente, a presença inusitada de “vinte ou trinta oficiais” no edifício do “Franjinhas” quando Vasco Lourenço foi comunicar a desistência da sala, e subseqüentemente, o comunicado (a bom som) que o evento ficaria adiado, ao mesmo tempo que, em surdina, distribuía papeis com a indicação do local exato e gesticulava para a existência de microfones no teto e nas paredes. **Ilda Crujeira**

Café Monte Carlo, Avenida Fontes Pereira de Melo. [197-]; Fotografia Casa Vasques. A79976N76474VAQ000362. AML, Arquivo Fotográfico.



Pastelaria Mexicana, Praça de Londres. Data: [post. 1962]; Fotografia Casa Vasques. Cota: A79984N76482VAQ000379. Arquivo Fotográfico



**“...O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo”**

(Sophia de Mello Breyner Andresen)
Aconteceu cerca de um mês mais tarde.

Reuniões que antecederam a Revolução

*Assinalando
o 47^a Aniversário da
Revolução de Abril*

Fontes

Arquivo Associação 25 de Abril

CARVALHO, Otelo Saraiva de – Alvorada
em Abril, Lisboa, Notícias, 1998

CONTREIRAS, Carlos Almada (Coord.) - Operação Viragem
Histórica: 25 de Abril 1974, Lisboa, Edições Colibri, 2018

LOURENÇO, Vasco – Do Interior da Revolução: Entrevista
de Maria Manuela Cruzeiro, Lisboa, Âncora Editora, 2009